



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, após assinatura de atos**

**Salvador-BA, 26 de maio de 2009**

Bem, primeiramente gostaria de cumprimentar o companheiro Hugo Chávez, presidente da Venezuela,

Cumprimentar os companheiros ministros que acompanham a delegação do presidente Chávez,

Os empresários da Venezuela,

Cumprimentar os ministros que me acompanham neste encontro importante que fizemos com a Venezuela,

Os nossos empresários,

A presidenta da Caixa Econômica Federal e o presidente da Petrobras,

Cumprimentar o diretor do BNDES, que assinou um protocolo, junto com o Samuel Pinheiro,

Convidar [cumprimentar] o governador da Bahia, nosso companheiro Jaques Wagner, e sua esposa Maria de Fátima,

Cumprimentar a imprensa brasileira,

E dizer para vocês que hoje eu tenho a convicção de que quando tomamos a atitude de fazermos reuniões trimestrais entre a Venezuela e o Brasil, nós tomamos a decisão mais acertada desde que eu sou o Presidente da República do Brasil.

Nós temos avançado de forma extraordinária nas nossas relações com a Venezuela. E logo no começo, quando eu conheci o presidente Chávez, eu dizia ao presidente Chávez que era extremamente importante ter uma política de desenvolvimento industrial na Venezuela, para que a Venezuela não



passasse o século XXI como passou o século XX, apenas vendendo petróleo. E que era preciso construir a base de transformar um país rico em gás e petróleo em um país industrializado.

Essas coisas são muito fáceis de dizer e, muitas vezes, muito difíceis de executar. Mas foi a partir da constatação das dificuldades em transformar as nossas teorias em coisas concretas e práticas que nós começamos a discutir com o governo da Venezuela, com os ministros e com os técnicos a possibilidade de avançar nas nossas teorias e nas nossas vontades políticas. Foi por conta disso que o Brasil começou a financiar projeto de investimentos empresariais brasileiros na Venezuela. Foi por conta disso que vocês viram agora a Caixa Econômica Federal assinar protocolos com a Venezuela para levar à Venezuela a contribuição de toda a expertise que a Caixa Econômica tem, tanto no caso da bancarização – para permitir que os pobres tenham o direito de entrar em um banco e depositar o seu pouco dinheiro ou de retirar o dinheiro depositado pelo governo das políticas sociais, sem correr o risco de ser assaltado nas ruas, porque é isso o que acontece com os pobres no mundo inteiro.

Ao mesmo tempo, o acordo e o protocolo para levar também à Venezuela a parceria da Caixa Econômica, com a sua experiência na construção de casas populares. Levar um pouco do acúmulo de experiência que a Caixa Econômica tem. Você não sabe, Maria Fernanda, mas eu disse ao Chávez que era importante que você levasse somente o lado bom da experiência, sem levar a burocracia junto, que, muitas vezes, faz com que um bom projeto demore, às vezes, muito tempo.

Mas ao mesmo tempo eu dizia para ele que a Caixa vem melhorando sistematicamente na sua burocracia. Com o programa Minha Casa, Minha Vida, certamente nós inovamos de forma extraordinária na agilidade da Caixa Econômica. É essa experiência que nós precisamos levar para a Venezuela.



Mas é importante o acordo que o BNDES assinou aqui. O presidente do BNDES, Luciano Coutinho, esteve há pouco tempo em Caracas, conversando com o presidente Chávez, e se colocou à disposição do Presidente para financiar uma quantidade de projetos que a Venezuela tem que apresentar. E hoje [foi] confirmado o protocolo aqui, na ausência do companheiro Luciano Coutinho, porque estava em uma reunião de diretoria do BNDES.

Além dos programas das empresas brasileiras Braskem, Queiroz Galvão e tantas outras empresas que assinaram protocolos aqui e de algumas empresas que já estão trabalhando há muito tempo na Venezuela, que estão investindo na Venezuela, que estão construindo parcerias com a Venezuela... Na área da agricultura, nós estamos tendo uma participação também importante, levando a nossa tecnologia da Embrapa para ajudar a Venezuela a se transformar em um país com total segurança alimentar, porque esse é o preceito básico e fundamental da soberania de um país.

Mas o último acordo que foi assinado aqui, é importante que a imprensa preste muita atenção, foi a coisa mais sagrada para nós. A Venezuela está pensando em entrar no Mercosul desde que o presidente Fernando Henrique Cardoso era presidente da República do Brasil. Só para vocês lembrarem, o Chávez já tem dez anos de mandato. Portanto, faz dez anos que o Chávez está esperando para entrar no Mercosul.

Em uma reunião do Mercosul – se não me falha a memória em Mar del Plata – nós aprovamos, os quatro países, a entrada da Venezuela no Mercosul. Mas isso precisaria ser aprovado em cada país, pelo Congresso Nacional. E cada país tem o seu tempo, cada Congresso tem o seu funcionamento.

E no Congresso Brasileiro – e é importante lembrar, Chávez, com a ajuda de muitos empresários que conhecem a Venezuela, conversando com deputados e senadores – nós já tivemos aprovado pela Câmara dos Deputados e já estamos achando que na terceira audiência pública do Senado, para votar no Senado.



Qual era o grande problema que muitas vezes se levantava para dificultar a entrada da Venezuela no Mercosul? Era que a Venezuela não tinha aderido ao cronograma de desgravação comercial no âmbito do acesso ao Mercosul, e isso estava pendente. E para surpresa do Chávez e para surpresa minha, nós chegamos aqui – eu ontem, ele hoje de madrugada – e esse acordo não estava firmado, a gente não ia assinar o acordo hoje. Pelo menos é o que pensava o Chávez e o que pensava eu. Mas dentre as brincadeiras que nós fizemos, eu disse ao Chávez que seria importante reter aqui no hotel os negociadores da Venezuela e os negociadores do Brasil para que em um sistema “prisional”, na beira de uma praia belíssima como esta, os nossos negociadores concluíssem o acordo.

E finalmente, antes de receber a notícia de minha proposta, eles trouxeram a proposta de que foi feito o acordo entre Venezuela e o Brasil para cumprir o cronograma de desgravação comercial da Venezuela do âmbito do acesso ao Mercosul. Esse era um problema que se apresentava no debate no Senado, portanto nós temos um problema a menos para resolver. Feito isso, eu espero que o Senado brasileiro vote proximamente isso antes da minha próxima reunião em Caracas, com o presidente Chávez, e que a gente possa comemorar definitivamente a entrada no Mercosul... da Venezuela no Mercosul.

Só não foi possível a gente concluir o acordo entre Petrobras e PDVSA porque são duas moças muito bonitas, muito fortes e que disputam milimetricamente cada problema. Mas assinaram um protocolo de intenção, de que no máximo em 90 dias, possivelmente até a próxima reunião, elas vão se colocar de acordo para que a gente possa concluir definitivamente o acordo entre Petrobras e PDVSA, não apenas para a construção da refinaria, mas também a discussão sobre a exploração e a participação da Petrobras na Faixa de Urinoco.



Só para vocês saberem, o Chávez está convidando o José Sergio Gabrielli para uma conversa fora da mesa de negociação, para saber porque esse *hombre tiene corazon* tão duro, que não faz uma flexibilidade. Eu não sei se é ele ou o Ramirez que tem o coração duro, de qualquer forma, algum dos dois tem porque o acordo está andando milimetricamente. Sabe, se a construção da Muralha da China levasse o mesmo tempo que a Petrobras e que a PDVSA, a humanidade acabaria e a gente não teria o primeiro quilômetro da Muralha da China pronto.

De qualquer forma, companheiros, companheiras e companheiro Chávez, eu estou feliz com o dia de hoje. É porque essas coisas vão permitindo que a gente vá vencendo barreiras, quebrando tabus, vencendo preconceitos e fazendo as coisas avançarem aqui na América do Sul. Não pensem, os senhores, que é fácil. Tem muita gente que fala: “nossa, mas por que os países da América do Sul não fazem igual à União Européia, que se uniram, criaram o Parlamento, Constituição única, moeda única?”. É importante lembrar que eles levaram 50 anos e é importante lembrar que há pouco tempo, quase nenhum país da América do Sul confiava no outro país da América do Sul. É importante lembrar que a gente ainda não tem nenhuma instituição Sul-Americana que possa decidir as coisas por nós, a não ser a confederação Sul-Americana de futebol, com sede no Paraguai. Não existe nenhuma instituição, porque nós fomos criados, doutrinados e subordinados a [para] saber que se nós tivermos um processo contra alguém, nós temos que ir para a Corte de Haia, na Holanda; se a gente tiver um outro problema qualquer, nós temos que ir à OEA, ou seja, nós não temos os nossos instrumentos.

É importante lembrar que, quando eu cheguei à Presidência da República, o Mercosul estava sucumbindo, que pessoas não acreditavam mais, que as pessoas achavam que “não adianta, isso não vai dar certo”. Nós, hoje, não só fortalecemos o Mercosul, com o Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil, como estamos reforçando com a entrada da Venezuela, assim que for



aprovado pelo Senado da República no País, mas criamos a Unasul. Criamos a Unasul, que é um instrumento extremamente importante, que ainda sequer elegemos um Secretário-Geral. Porque nós também, aqui, no nosso continente... as coisas andam devagar porque a nossa experiência de decisão própria não é uma coisa fácil, nós não estávamos acostumados a isso. Tudo nós tínhamos que pedir licença a alguém, ou tínhamos que pedir favor a alguém. Tudo o que nós íamos fazer, nós tínhamos que saber se a Europa ia gostar, se os Estados Unidos iam concordar.

Eu me lembro de uma reunião que eu não vou esquecer... sabe aquelas coisas que marcam a vida da gente? Eu era candidato a Presidente da República, em 2002, e fui ter uma reunião, eu e o meu vice-presidente, com um grande empresário brasileiro, um grande empresário. E depois que nós jantamos, esse grande empresário começou a me perguntar o que eu ia fazer no Brasil, se eu ganhasse as eleições. E eu ia dizendo as coisas que eu ia fazer. E a cada coisa que eu falava, ele dizia para mim: “O império não vai deixar”. Aí, perguntava outra coisa, eu respondia e ele falava: “O império não vai deixar”. Aí, perguntava outra coisa: “O império não vai deixar”. Aí o meu vice, o José Alencar, que é um grande empresário e amigo desse grande empresário, falou para o empresário: “Escuta aqui, que diabo que é esse império? Esse império está se intrometendo demais aqui no Brasil. Se for necessário, eu vou lutar contra o império”.

A verdade é que nós não estávamos habituados a andar com as nossas próprias pernas. A verdade é que nós sempre tínhamos que saber o que os outros pensavam das nossas atitudes. E nós começamos a pensar, sem desrespeitar ninguém, e não queremos desrespeitar ninguém, mas nós queremos pensar em como construir o nosso mundo. Como construir um modelo de desenvolvimento que fortaleça as relações entre América do Sul, América Latina e a África e outros países pelo mundo, pobres, que não tiveram sorte no século XXI. E cada vez em que a gente pensa em fazer, a gente



esbarra na máquina. A máquina estava habituada a fazer outras coisas. É sempre complicado. Às vezes, eu e o Chávez decidimos uma coisa, [ele] volta para a Venezuela, gosta de fazer discurso, faz um discurso, eu volto para o Brasil, faço um discurso, e um mês depois a gente se encontra, três meses depois, não aconteceu nada.

Graças a Deus, isso também está sendo vencido, porque o conjunto das pessoas que compõem não apenas o governo, mas a burocracia brasileira e venezuelana, está compreendendo que nós precisamos avançar mais rápido, porque o tempo exige que nós sejamos mais rápidos, sobretudo, neste momento em que estamos vivendo uma crise econômica da qual não temos culpa nenhuma, que não demos a contribuição de um milímetro para que ela acontecesse. Pelo contrário, nossos países estavam crescendo fortemente. Estávamos gerando empregos, distribuição de renda, o nosso sistema financeiro estava sólido, não havia a especulação pela especulação. As pessoas estavam acreditando que era possível ganhar dinheiro na Venezuela e no Brasil, aplicando no setor produtivo. De repente, nós somos pegos por uma crise vítima da especulação de pessoas que vendiam papel, o outro comprava um papel e vendia aquele mesmo papel e comprava aquele papel e vendia aquele mesmo papel, ou seja, era papel que circulava, enricando meia dúzia de pessoas, sem gerar um único microfone, um único parafuso, uma única camisa. E nós hoje estamos vendo as nossas economias, não em recessão, mas as nossas economias não evoluindo como elas tinham evoluído até setembro do ano passado.

Eu acho fantástico porque eu, todo dia, por ofício e pela profissão, sou obrigado a ler jornais e, quando eu não leio, alguém me conta. Quantos bancos que avaliavam o Risco Brasil, quantos bancos que diziam que o Brasil [não] ia dar certo quebraram? Ou seja, eles não se autoavaliavam e avaliavam a gente e esses bancos quebraram. E agora, com esta crise, eu penso que todo o povo da Venezuela e o povo brasileiro sabe que nós não precisamos ficar



dependendo de outros, nós podemos depender de nós mesmos. Fazer investimentos industriais, convencer os empresários brasileiros a levarem as suas experiências para a Venezuela, construir parcerias. A revolução agrícola que a Embrapa conseguiu produzir no País, nesses últimos 40 anos, levar isso para outros países, para que todos tenham a oportunidade de ter o conhecimento tecnológico que nós temos.

Por isso a Embrapa foi montada, foi criado um escritório dela em Caracas, como também foi criado no Continente Africano. Ontem eu estive aqui com o presidente Wade, do Senegal. Será que a África, de onde todos os cientistas dizem que dali surgiu a humanidade, vai passar mais um século sendo a parte mais pobre do planeta? A parte mais vítima da crise? São os negros, que nem jogador de futebol negro está deixando de ser admoestado, molestado em campo de futebol, se criando um muro de preconceito contra os pobres no mundo inteiro.

Então, eu acho que ao acordo de hoje, Chávez, é um acordo extremamente produtivo e simbólico para mim, porque eu ainda tenho com você uma reunião em setembro, bilateral, depois vamos ter outra em dezembro, depois vamos ter outra em março, outra em junho, outra em... ainda vou ter umas cinco reuniões com você antes de deixar a Presidência da República do meu país.

E eu quero ver vários desses projetos concluídos. Inaugurar as obras, Emílio, precisa me convidar para inaugurar uma obra, eu já fui lá umas três vezes lançar pedra fundamental. Eu estou precisando inaugurar uma obra. Queiroz Galvão, Andrade Gutierrez, os projetos que a ABDI apresentou, projetos extraordinários de empresas brasileiras que querem construir parcerias na Venezuela para construir, junto com empresários da Venezuela, um forte setor, uma forte cadeia produtiva.

Eu estou particularmente feliz, Chávez, porque eu fiz uma viagem, agora, para a Arábia Saudita. Foi a primeira viagem de um mandatário





brasileiro depois de D. Pedro II, ou seja, fazia 134 anos que não ia um mandatário brasileiro à Arábia Saudita, que é o país mais importante do mundo árabe. Depois nós fomos à China fazer um acordo extremamente interessante, que alguns trataram, no Brasil, como se não fosse um grande acordo, e o pouquinho que nós pegamos foi US\$ 10 bilhões emprestados para a Petrobras. Tem gente que queria mais. Não pegamos mais porque a Petrobras não tem mais capacidade de oferecer petróleo para a China. Fui à Turquia, onde também há 134 anos não ia um presidente do Brasil. O último que foi, foi o imperador, também, Dom Pedro II. Recebi de presente do governo da Turquia o acordo assinado em 1858, por Dom Pedro II. Eu vou ler agora para ver se Dom Pedro II estava mais avançado naquela época do que nós hoje. E agora eu estou aqui. Logo, logo teremos reunião do Mercosul, e eu penso que nós estamos aprendendo a resolver os nossos problemas.

Eu penso que aqueles que apostaram no fracasso da relação Brasil-Venezuela ou aqueles que apostaram no enfraquecimento do Mercosul... hoje não precisa nem eu ver, ponham as mãos para o céu e agradeçam a existência dessa nova relação entre o Brasil e a América Latina, o Brasil e a América do Sul, Brasil e Venezuela. Ponham as mãos para o céu pela relação do Brasil com a África, que eu lembro que a primeira viagem que eu fiz à África, tinha gente que dizia: “o que o Presidente vai fazer na África?”.

Quando eu fui para o Oriente Médio gastamos US\$ 500 mil em uma feira, US\$ 500 mil. Alguém tratou com estardalhaço: “Governo viaja e gasta US\$ 500 mil”. Na mesma noite, nós arrecadamos US\$ 50 milhões. Mas não disseram isso, só disseram dos US\$ 500 milhões [mil].

O dado concreto é que a balança comercial do Brasil com o mundo árabe saltou de US\$ 8 bilhões para US\$ 20 bilhões. Não é pouca coisa. Mas aqueles que passaram séculos com a cabeça impregnada, apenas achando que a nossa relação tinha que ser com os países ricos, percebem – e essa lição eu aprendi de pequeno... Eu nunca vi um mascate ir vender roupa na



Avenida Brasil, lá em São Paulo. Eu nunca vi um mascate com um monte de pano embaixo do braço ir vender roupa na Avenida Paulista. Eles vão aonde? Eles vão às pessoas que têm similaridade com os produtos que eles produzem. Eles vão onde tem as pessoas que podem, na política de troca, comprar e vender coisas que são mais ou menos iguais. E é isso que está acontecendo na relação Brasil e América do Sul, Brasil e América Latina. Porque muitas vezes, companheiro Gabrielli, a máquina que nós produzimos aqui não entra na Alemanha, não entra na Suécia, não entra na Finlândia, não entra na Noruega, não entra, às vezes, nos Estados Unidos, não entra na Itália, ou seja, eles compram outras coisas nossas. O que eles querem é vender as máquinas para nós. Mas as máquinas que nós produzimos aqui, elas podem tranquilamente entrar na Venezuela, na Bolívia, no Equador, na Nicarágua, em Cuba, ou seja, em pessoas que têm muita similaridade conosco e pessoas que estão em um processo de desenvolvimento. Esse é um aprendizado que nós temos que ter. A similaridade entre Brasil e China é extraordinária, mas tem gente que tem medo da China. Os que têm medo são aqueles que só querem vender.

E as pessoas têm que saber que em uma relação comercial entre dois países nós temos que vender e comprar. Por que eu quero ajudar a industrializar a Venezuela? Para a gente comprar coisas da Venezuela, porque, por enquanto, só o Brasil vende. A Venezuela tem um déficit comercial com o Brasil de mais de 4 bilhões, 4 bilhões e meio. É preciso equilibrar essa balança. É preciso que a gente exporte quatro, mas que a Venezuela exporte quatro também; que em um mês um exporte mais e em outro mês outro exporte menos; que produza lá a Queiroz Galvão, a Andrade Gutierrez, a Camargo Correa, a Braskem, a Odebrecht, para vender produtos para nós, para a gente poder equilibrar, porque senão eles vão deixar de ser dependentes dos Estados Unidos e vão ser dependentes nossos. Já deixaram de ser dependentes da Espanha e ficaram dependentes dos Estados Unidos.



Então, o que nós queremos? É o equilíbrio. Eu tenho dito aos meus companheiros de governo: não adianta o Brasil crescer sozinho. Quanto mais poder aquisitivo tiver o povo pobre do Brasil e quanto mais poder aquisitivo tiver o povo da América Latina, mais chance de fazer o comércio crescer, as indústrias produzirem. É muito maior!

Portanto, Chávez, eu penso que com todas as críticas que nós recebemos, às vezes boas, às vezes más, às vezes preconceito, eu acho que essa nossa tranquilidade e essa crença que nós temos no fortalecimento do Mercosul e da América do Sul vai permitir que a gente continue avançando.

Quero te dizer de coração que hoje é um dia muito especial para mim, porque os acordos que nós assinamos aqui são mais uma demonstração de que não há tempestade ou vendaval que a disposição do homem não possa vencer. E nós estamos vencendo séculos de preconceito, estamos vencendo séculos de abandono, de esquecimento. E a única razão pela qual estamos vencendo é porque, pela primeira vez, nós estamos acreditando em nós mesmos, acreditando no nosso homem, na nossa mulher, no nosso conhecimento, e, sobretudo, na força do nosso povo.

Parabéns, companheiro, e parabéns aos companheiros que assinaram o acordo.

**Jornalista:** (em espanhol).

**Presidente Hugo Chávez:** (em espanhol)

**Jornalista:** ...o senhor sobre uma notícia que saiu hoje de que a Polícia Federal tem preso um líder do grupo terrorista Al-Qaeda. O senhor deve ter recebido informes dos seus assessores. Queria ver se pode compartilhar essas informações com a gente. Muito obrigado.



**Presidente:** Se me permite, Chávez, eu vou entrar em uma seara que não é minha, mas gostaria de entrar. Eu penso que nós precisamos tomar o cuidado de não repetir neste momento da história da humanidade os mesmos discursos que permearam praticamente todo o século XX. Ou seja, a negação do Estado e a supervalorização da iniciativa privada.

Porque muitas vezes é difícil um dirigente responder uma pergunta inteligente, se a pergunta é sempre a mesma. Veja que absurdo: essa crise internacional, o que ela mostrou para a humanidade? Vamos pegar o Brasil como exemplo. Os bancos mais sólidos no Brasil são os bancos públicos. Nos Estados Unidos, os mais vulneráveis eram no sistema financeiro privado.

Se eu perguntasse para um grande empresários aqui, ou [para] um grande cientista político, se no mês de junho de 2008, quem imaginava que o Lehman Brothers ia quebrar? Quem imaginava que as ações do Citibank iam cair como caíram? Ou seja, no caso do Brasil, uma das vantagens que nós tivemos foi um sistema público de financiamento de 70% da economia brasileira, além do BNDES, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil.

Bem, eu estou dizendo isso porque hoje o ser humano, e sobretudo depois dessa crise, não está mais nessa discussão se é privado ou público. Ele quer que tanto o privado seja de boa qualidade, quanto o público seja de boa qualidade. E os dois podem coexistir com a mais absoluta tranquilidade, sem precisar ter antagonismos.

Eu não sei porque, de vez em quando, a gente ideologiza demasiadamente esse tema do Estado e da iniciativa privada. Tem empresários extraordinários, bem-sucedidos, mas quantos não deram certo? Tem governos altamente bem-sucedidos, quantos não deram certo?

E vocês podem ter certeza de uma coisa: quando o governo erra, o povo tem uma chance, a cada quatro ou cinco anos, de tirá-lo. E pode entrar um outro governo com muito mais capacidade e fazer muito melhor, se não fizer, o povo tira.



Por isso, nós precisaríamos diminuir essa discussão sobre o papel do Estado e da iniciativa privada. Está provado que Estado fraco não é Estado, é massa de manobra do poder econômico dos países. E está provado que Estado forte, ele pode ser o indutor e o regulador da boa economia mundial, que é o que faltou para evitar que essa crise chegasse onde chegou.

A questão da Polícia. Eu não tenho informação. A informação que eu tenho é do ministro Tarso Genro, de que um cidadão foi preso, que a Polícia Federal está investigando sob sigilo de Justiça e que, portanto, ainda não tem nenhuma conclusão para acusar a pessoa do que quer que seja. Agora, pela própria matéria que você leu, parece que a denúncia não partiu do Brasil, parece que a denúncia veio de fora. E eu quero te dizer que eu acho desrespeitoso alguém de fora dar um palpite sobre um cidadão, independentemente da sua origem, que foi preso, está sendo processado sob sigilo de Justiça e que, portanto, a Polícia Federal brasileira não falou nada e alguém de fora tenha dado um palpite sobre as coisas brasileiras.

Essa não é uma boa política e o Brasil não tem o hábito de dar palpite sobre as coisas que acontecem nos outros países. E eu só queria que o Brasil fosse respeitado nisso.

**Presidente Hugo Chávez:** (em espanhol)

**Jornalista:** Presidente Lula, boa tarde, Presidente Chávez. Os senhores anunciaram agora a pouco que não foi possível, desta vez, fechar o acordo entre Brasil e Venezuela para investimentos... a continuidade de investimentos na área petrolífera, das duas companhias petrolíferas. Nós gostaríamos de saber quais foram os pontos que, a princípio, dificultaram o fechamento deste acordo e se os senhores acreditam que dentro de 90 dias isso será, de fato, resolvido.



**Presidente:** Eu penso que tem detalhes [em] que a Petrobras e a PDVSA têm que se acertar, que envolvem uma série de fatores que vai de preço à utilização de combustível refinado aqui no Brasil, que é próprio de duas empresas grandes e que estão discutindo detalhe. Eu sou otimista de que em 90 dias eles apresentem a proposta que possa consagrar definitivamente, não apenas a parceria na Refinaria Abreu e Lima, mas sobretudo, a parceria efetiva da PDVSA e da Petrobras na exploração de petróleo em Urinoco. Aí é uma briga... você já assistiu a um filme chamado “Duelo de Titãs”? É um Duelo de Titãs, aí. O que nós esperamos é que nós aqui – os coitadinhos aqui, os presidentes – recebamos uma boa notícia dos gigantes PDVSA e Petrobras.

**Jornalista:** (Inaudível)

**Presidente Lula:** Mas não peça para mim. Não fui eu quem disse que era uma só, foi minha assessoria. É verdade, é uma só, gente. Chávez está com *hambre*, Chávez está com *hambre* e eu também estou com *hambre*. Depois vocês perguntam particularmente, gente. Realmente já são quatro e meia. Desculpem-me.

(\$31FGJLMP)